



# MARCUSE E A PRIMEIRA GERAÇÃO DE FRANKFURT: CONSERVADORISMO E AUTORITARISMO ONTEM E HOJE

*Entrevista com John D. Abromeit*

**Gabriel Ramponi**

 0009-0002-2450-6930

**Bruno Fabrício Alcebino da Silva**

 0009-0005-2115-9314

Universidade Federal do ABC

DOI: [10.36942/rfim.v5i1.1399](https://doi.org/10.36942/rfim.v5i1.1399)

---

Ao longo da entrevista, o professor John D. Abromeit explora a relevância do pensamento de Herbert Marcuse e outros autores da primeira geração da Escola de Frankfurt no contexto da ascensão do populismo autoritário. Tocando em temas como a nova direita e seu internacionalismo, Abromeit traça paralelos entre líderes populistas como Trump e Bolsonaro. Ele também reflete sobre o papel da linguagem e da cultura na formação de identidades coletivas, especialmente em um contexto onde questões de raça e classe se entrelaçam. É discutida também a importância de revisitar e reinterpretar as obras de Marcuse e outros teóricos críticos à luz das condições sociais atuais, argumentando que a crítica deve se adaptar às mudanças históricas. Ele levanta questões sobre a defesa da democracia em um cenário onde as instituições estão sendo desafiadas, e propõe um diálogo entre as tradições da teoria crítica e a prática política contemporânea. A entrevista convida à reflexão sobre como as ideias de Marcuse e a tradição da Escola de Frankfurt podem oferecer perspectivas valiosas para enfrentar os desafios políticos e sociais do presente.

**John D. Abromeit** é professor no Departamento de História e Estudos Sociais da Buffalo State University, onde desenvolve pesquisas nas áreas de Teoria Crítica e História Intelectual Moderna e Européia. Dentre sua vasta produção, destacam-se o livro *Max Horkheimer and the Foundations of the Frankfurt School*, o artigo *Herbert*

*Marcuse and the Dialectics of Liberation in the Age of Trump*, a co-edição do livro *Herbert Marcuse: A Critical Reader*, além de diversas publicações sobre o conservadorismo e a extrema-direita contemporâneos à luz das teorias desenvolvidas pela Escola de Frankfurt.

---

**Gabriel Ramponi e Bruno Silva [GRBS]:** *Em seu artigo “Herbert Marcuse and the Dialectics of Liberation in the Age of Trump”, há uma citação de Davis na qual ela comenta sobre “imaginações palpáveis da possibilidade de forjar alianças entre essas oposições intelectuais e ativistas diversas e contraditórias, precisamente com o objetivo de mudar o rumo da história.<sup>1</sup>” (Davis apud Abromeit 2018, p. 60). Nesse mesmo sentido, a seguir você comenta sobre a habilidade de Marcuse “de quebrar barreiras entre diferentes grupos intelectuais e políticos” (Idem). Gostaria de conversar, então, sobre essas “alianças”, e essa “habilidade de quebrar barreiras”. Chamou bastante atenção o fato de você dar sua palestra na UFABC<sup>2</sup> em português. De minha parte, pelo menos, isso é entendido como um esforço justamente de criar alianças mais fortes, de quebrar barreiras tão significativas quanto as de diferentes línguas. Você também entende assim? E como você vê isso no cenário intelectual contemporâneo? Há esforço por parte dos intelectuais dos centros do capitalismo em falar as línguas da periferia do sistema? Isso seria importante em sua visão?*

**John D. Abromeit [JDA]:** Obrigado a ambos por conduzirem esta entrevista e pelas perguntas, que são muito boas e me ajudaram a refletir sobre algumas dessas questões. Então, antes de mais nada, eu só quero dizer que essa ideia de quebrar barreiras entre diferentes grupos é algo que Marcuse tira de Freud no seu conceito de “Eros”. A ideia de que Eros trata da construção de unidades maiores entre diferentes grupos. E assim, a ideia vem originalmente de Freud e, então, é claro, ela encontra seu caminho no

---

1 Tradução própria, assim como as seguintes citações e de toda a entrevista, conduzida em inglês.

2 Palestra realizada no dia 30 de Julho de 2025 na Universidade Federal do ABC (UFABC) e organizada pelo Grupo de Pesquisas “Utopia e Crítica”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EogdjqGb9X8> Acesso em: 20/10/2025.

pensamento de Angela Davis quando ela a aplica, eu diria, de certa forma como uma crítica amigável à política de identidade. Quero dizer, ela apoia muitos aspectos da interseccionalidade, mas depois ela pega a ideia de quebrar barreiras para encorajar as pessoas a saírem da sua zona de conforto e formarem coalizões e alianças mais amplas, que são necessárias para a política de esquerda. Na verdade, quando eu estava na pós-graduação na UC Berkeley, em 1998, nós organizamos uma conferência internacional de dois dias sobre Marcuse, por ocasião do seu centésimo aniversário. Naquela época, Angela Davis lecionava na UC Berkeley, então eu a procurei e perguntei se ela teria interesse em ser a palestrante principal da conferência, e ela aceitou. Ela é muito simpática e, normalmente, recebe muito dinheiro para dar palestras, mas decidiu fazê-lo por uma pequena quantia para a nossa conferência. Foi uma conferência muito boa e foi aí que ela fez pela primeira vez esta declaração sobre Marcuse como alguém que era muito bom a quebrar barreiras entre diferentes grupos e a incentivar as pessoas a comunicarem e a conversarem umas com as outras e também a agirem juntas politicamente. Então, acho que, em termos do internacionalismo a que você se refere, uma coisa que temos visto nos últimos tempos é que a extrema-direita, a direita populista autoritária, tem-se tornado muito mais internacional. Eu diria que há décadas já, e acho que isso está dando frutos para eles. Vemos, é claro, neste momento, a forte aliança entre Trump e Bolsonaro, e como Trump está se esforçando muito para salvar Bolsonaro. Gosto de me referir a Bolsonaro como o sócia [*Doppelgänger*] tropical de Trump. [risos] Portanto, há uma semelhança impressionante. É claro que também há os motins nas capitais dos Estados Unidos e do Brasil. Mas isso não se limita a Trump e Bolsonaro. Quer dizer, se você olhar e voltar à posse, a posse de Bolsonaro, Viktor Orbán estava presente, Benjamin Netanyahu estava presente. E então essas pessoas estão a trabalhar juntas. Orbán tem sido um modelo para Trump há muito tempo. E recentemente terminei um artigo na revista *Telos*, que não sei se vocês já ouviram falar. Mas era a revista mais importante dos Estados Unidos nos anos 70 e 80, apresentando a Escola de Frankfurt e o marxismo ocidental para um público de língua inglesa. Mas é muito estranho porque esta revista, que era uma grande revista nos anos 70 e no início dos anos 80, no final dos anos 80, dá uma verdadeira guinada à direita. E há uma mudança para a direita. Começam a ler Carl Schmitt e a convidar todo esse

tipo de pensadores populistas de direita para se juntarem à revista. E então, uma das coisas que tento mostrar no meu artigo é como ela se torna um lugar importante para discussões internacionais de direita ou populistas autoritárias. Por exemplo, eles publicam muitos artigos de Alain de Benoist, da França, que é considerado o pai da Nova Direita Europeia. E então eles têm pessoas envolvidas em movimentos de extrema direita, pensadores de extrema direita nos Estados Unidos, como... qual é o nome dele? Não, não consigo lembrar o nome dele. Mas enfim, um desses caras foi um importante assessor de Pat Buchanan. E então eles estão reunindo pessoas que criam um fórum para esse tipo de internacionalismo. Mas, é claro, como sabemos, historicamente foi a esquerda que deu muito mais ênfase à solidariedade internacional. Pensamos na Primeira Internacional, fundada por Marx. Na Segunda Internacional... outros exemplos de internacionalismo de esquerda, como o movimento dos países não alinhados na década de 50. E, claro, muitos dos estudos recentes sobre o movimento de 1968 enfatizaram o caráter internacional do movimento de 1968. Quer dizer, aqui também podemos usar o exemplo de Angela Davis e como ela foi para Frankfurt estudar com Adorno e se envolveu com os estudantes da Sozialistische Deutsche Studentenbund, a SDS na Alemanha, onde conheceu Detlev Claussen e Hans-Jürgen Klau e trabalharam juntos. Na verdade, houve um momento muito comovente na conferência em Berkeley em 1998, quando Angela subiu ao palco para dar a sua palestra e olhou nos olhos e viu Detlev Claussen, que ela provavelmente não via há 25 anos ou algo assim. Mas os dois tinham trabalhado juntos em Frankfurt. E havia também vários estudantes brasileiros que desempenharam um papel importante no movimento alemão de 1968, mais em Berlim do que em Frankfurt. Havia estudantes iranianos em Berlim. À noite, para incentivar o protesto contra o Xá quando ele veio em 1967, o que levou ao assassinato do estudante Beno Onizorg, que foi o tipo de momento catalisador para os movimentos de protesto na Alemanha. Então, esses são claramente exemplos de internacionalismo de esquerda. E você tem que se perguntar: o que aconteceu com essas tradições de internacionalismo de esquerda hoje? Elas parecem bastante fracas para mim. E parece que alguns esquerdistas estão recuando para posições mais nacionalistas. Talvez conheça o teórico alemão Wolfgang Streeck, que escreveu algumas críticas a Habermas e defende uma posição mais nacionalista. Quer dizer, há boas razões para isso também. Mas acho que a

questão é: como podemos ressuscitar o internacionalismo de esquerda hoje em dia? E acho que parte disso, é claro, é simplesmente passar um tempo em outros países e construir alianças tanto no nível intelectual quanto no político. Tive uma experiência maravilhosa quando morei em Frankfurt nos anos 90, trabalhei com uma revista chamada *Perspectiven*. Frankfurt é uma cidade muito cosmopolita. Muitos estudantes de diferentes países. Tínhamos estudantes, acho, de 15 ou 16 países diferentes participando dessa revista. Era uma revista trimestral. Era publicada apenas quatro vezes por ano. E abordávamos tanto teoria como política. Cada edição focava numa determinada região do globo. Por exemplo, podíamos ter uma edição sobre Israel e a Palestina. Ou podíamos ter uma edição sobre a América Latina. Trabalhamos muito nessa época sobre a guerra na Iugoslávia, porque isso foi durante a guerra na Iugoslávia, em meados da década de 1990. E tínhamos várias pessoas cujos pais eram trabalhadores imigrantes da Iugoslávia e, por meio deles, conseguimos estabelecer bons contatos com alguns dos ex-membros do grupo Práxis, que eram pensadores importantes na década de 1960, organizando a Escola de Korčula. Alguns dos membros do grupo Práxis assumiram posições populistas de direita, mas outros permaneceram bastante críticos. E então trabalhamos em conjunto com esses intelectuais. Realizamos conferências... A revista, para mim, foi uma verdadeira educação política, porque só por estar nesse ambiente internacional, aprendi muito. E o que fazíamos era publicar artigos no idioma original na revista e também na tradução alemã. Então, tínhamos os dois. Tínhamos o idioma original e a tradução para o alemão. E procurávamos especialistas em tópicos específicos. Como essas pessoas do grupo Práxis ou, se estivéssemos a escrever sobre Israel e a Palestina, procurávamos especialistas de ambos os lados que achávamos que tinham as análises mais interessantes e críticas da situação. Então, essa foi uma experiência maravilhosa que tive nos anos 90, uma espécie de internacionalismo de esquerda. E eu adoraria ver mais projetos como esse acontecendo hoje.

**[GRBS]:** *Retomando a citação de Davis, especialmente ao que tange o comentário sobre a atitude que deveríamos ter diante da obra de Marcuse, quando ela comenta sobre não sermos nostálgicos e sermos, sim, críticos à sua obra. Em sua leitura, quais pontos são os mais importantes nesse sentido não nostálgico e críticos à obra de*

Marcuse? Junto a isso, retomo outra parte do artigo onde você afirma sua leitura de que retomar o “trabalho inicial” da Escola de Frankfurt seria mais promissor para o desenvolvimento contemporâneo da Teoria Crítica. Poderia comentar sobre os principais pontos dessa sua leitura?

**[JDA]:** Bem, acho que Walter Benjamin apontou que as obras de filosofia, arte e literatura se revelam para nós de maneiras diferentes, dependendo da nossa situação no presente. Então, lemos obras diferentes, vemos-as de maneira diferente com base no que está a acontecer na nossa situação atual. E esse foi um aspecto importante, um aspecto importante da crítica dele, a crítica de Benjamin ao historicismo tradicional de Ranke ou de outros que acreditam que podemos ter total objetividade histórica. E Benjamin rejeita essa ideia. Então, acho que, seguindo essa linha de pensamento, quando leio Marcuse ou qualquer teórico, na verdade, procuro conceitos e argumentos que ainda possam iluminar a nossa situação atual. É por isso que me concentro no ensaio de Marcuse, “O destino histórico da democracia burguesa”, no meu artigo sobre Marcuse e a dialética da libertação na era de Trump. Este artigo que Marcuse escreveu — ele nunca chegou a publicar, mas escreveu-o logo após a reeleição de Richard Nixon em 1972. À época, Nixon estava intensificando o bombardeamento dos Estados Unidos às cidades do Vietnã do Norte. Nixon também fez campanha com o slogan populista de direita de defender a maioria silenciosa contra os movimentos de protesto do final dos anos 60 e início dos anos 70. Marcuse argumenta no artigo que a reeleição de Nixon representa o triunfo de poderosas tendências neofascistas nos Estados Unidos. Em outras palavras, acho que Marcuse reconheceu claramente e começou a analisar as tendências sociais e psicológicas que acabariam por levar à eleição de Trump nos EUA mais tarde. Essa ideia de que, de alguma forma, havia tendências neofascistas — e esse é um termo forte para Marcuse usar. Então, quero dizer, acho que se relêssemos *O Homem Unidimensional* hoje, provavelmente não nos diria o mesmo que este artigo. Porque vejo *O Homem Unidimensional* como uma crítica brilhante ao que Eric Hobsbawm, o historiador Eric Hobsbawm, chamou de idade de ouro do capitalismo do século XX, com o que Hobsbawm se referia ao período de crescimento econômico e prosperidade sem precedentes na Europa e, em menor grau, bem, nos Estados Unidos. Portanto, a Idade de

Ouro foi o ponto alto de uma espécie de keynesianismo forte que atingiu os seus limites históricos na década de 1970 e depois deu lugar eventualmente ao neoliberalismo na década de 1980. E, desde então, a prosperidade econômica diminuiu significativamente. A desigualdade e a precariedade, conforme descritas por Thomas Piketty ou Guy Standing, entre outros, aumentaram tremendamente. Só para dar um exemplo, nos Estados Unidos, o número de pessoas presas passou de 300 mil na década de 1970 para mais de 2 milhões em 2010. Portanto, acho que os problemas que enfrentamos hoje, os problemas sociais que enfrentamos hoje, são muito diferentes daqueles que Marcuse diagnosticou no início da década de 1960, quando tudo parecia, é claro, estar indo muito bem. Mas Marcuse não teve medo de mudar os seus argumentos em resposta às mudanças nas condições sociais, econômicas e políticas. E isso também é, é claro, um aspecto essencial da teoria crítica como um todo, o que Horkheimer e Adorno chamaram de *Zeitkern der Wahrheit*, o núcleo temporal da verdade. Portanto, a teoria crítica deve permanecer constantemente atenta às mudanças nas condições históricas, ao mesmo tempo em que coloca essas condições dentro de um quadro teórico muito mais amplo da história do capitalismo global moderno como um todo, ou o que Horkheimer chamou de época burguesa. Assim, dentro do capitalismo moderno, é claro, temos diferentes períodos históricos: capitalismo liberal, capitalismo monopolista, capitalismo de Estado. Eu diria que, depois disso, o capitalismo neoliberal. Há discussões interessantes agora: ainda estamos no neoliberalismo? Não parece que estamos, parece que agora estamos em algum tipo de período novo, mais orientado para o Estado. Mas ainda estamos no capitalismo, isso é bastante claro.

**[GRBS]:** Ainda sobre seu texto, você resgata a análise da Escola de Frankfurt sobre as “estruturas de caráter burguês” e a forma como líderes populistas manipulam o ressentimento que delas emana. Citando Marcuse em 1972, você aponta que “as pessoas se encontram em seu líder” (Ibidem, p. 71). Pensando especificamente em Donald Trump e seu slogan “Make America Great Again”, poderíamos interpretar essa promessa menos como um projeto político e mais como um projeto psicossocial? Ou seja, esse slogan oferece uma forma de gratificação (*Ersatz*) — para usar o conceito de Fromm que você menciona — a uma subjetividade que foi fragmentada pela

*precarização neoliberal e por um sentimento de perda do status imperial dos EUA? A promessa seria, então, a de restaurar não apenas um império, mas uma identidade pessoal e coletiva coesa e dominante?*

**[JDA]:** Obrigado, acho que essa é uma pergunta muito boa também. Acabei de escrever uma resenha de um novo livro de Claudia Leeb, que se chama *Contesting the Far Right: a Psychoanalytic and Feminist Critical Theory Approach*<sup>3</sup>. Ela trabalha com psicanálise, mas também com marxismo, para tentar compreender a psicologia social do populismo autoritário. Ela se concentra mais em Adorno, em alguns dos ensaios de Adorno, e eu ficaria mais feliz se ela tivesse passado mais tempo discutindo a teoria crítica inicial. Mas acho que o trabalho dela sobre isso é muito bom, e acho que vocês estão certos. Acho que é realmente uma tentativa de restaurar algum tipo de identidade coletiva nos Estados Unidos. E aqui também poderíamos talvez voltar a Roediger e à ideia de branquitude. Porque na Europa é muito mais fácil ter identidades coletivas. Vocês têm as antigas tradições do nacionalismo étnico. A ideia de que a Alemanha é para os alemães, a França é para os franceses, a Itália é para os italianos. Isso faz com seja bastante fácil, para a direita populista, criar essas identidades coletivas. Mas é mais difícil nos Estados Unidos, que é um país de imigrantes e uma população diversificada de muitos países de todo o mundo. Então, como criamos esse tipo de identidade coletiva nos Estados Unidos? E também há uma questão, sobre a qual um amigo chamado Joe Lowndes tem feito um trabalho muito interessante: sobre pessoas negras e imigrantes nos Estados Unidos que apoiam Trump. Portanto, não é o caso que apenas pessoas brancas apoiam Trump. Então, você tem que se perguntar: por que essas pessoas negras ou imigrantes também estão apoiando Trump? E eu diria que, em muitos casos, isso remete à antiga ideologia americana, do sonho americano, da mobilidade ascendente. Mesmo que estudos tenham mostrado que a mobilidade social é menor nos Estados Unidos do que em muitos outros países ao redor do mundo. Mas o vice-presidente dos Estados Unidos neste momento, JD Vance, também tem feito perguntas sobre quem são os verdadeiros americanos. Ele tem dito que alguns americanos são mais americanos do que outros e

---

3 Em português, “Contestando a extrema direita: uma abordagem teórico crítica psicanalítica e feminista”. Sem tradução publicada no Brasil até o momento.

estão tentando acabar com a cidadania por direito de nascimento. Portanto, há claramente um esforço aqui para criar um novo tipo de mentalidade coletiva. Eu tenho um artigo sobre o “Personalidade Autoritária” no qual analiso alguns desses aspectos mais de perto, usando os conceitos de pseudoconservadorismo, complexo de usurpação e populismo produtivista. E o que eu acho fascinante nos estudos sobre preconceito, que incluem o *Personalidade Autoritária* e o *Prophets of Deceit*, é que esses estudos foram realizados nos Estados Unidos. E Adorno reconhece que o populismo, por um lado, tem tendências autoritárias que estão presentes em todas as sociedades capitalistas modernas. Então, por um lado, eles acham que o autoritarismo está ligado ao capitalismo de uma forma muito geral. Por outro lado, para que os agitadores autoritários tenham sucesso, eles precisam apelar para as tradições locais. E então, uma maneira de ver o *Prophets of Deceit* e o *Personalidade Autoritária* é como um estudo sobre quais são as tradições americanas específicas que poderiam ser manipuladas para fins autoritários. E isso é interessante porque os americanos, porque a nossa identidade política está fundamentada na democracia, na democracia liberal, a maioria das pessoas pensaria que algo como o fascismo nunca poderia acontecer nos Estados Unidos. Mas é precisamente isso que os teóricos críticos contestam. E eles dizem isso com este conceito de pseudoconservadorismo. E Adorno basicamente diz que a questão é que a democracia é apresentada às pessoas como o mais próximo possível de uma sociedade ideal. Mas é claro que muitas pessoas sabem, consciente ou inconscientemente, que não é. Porque é realmente tabu falar sobre capitalismo nos Estados Unidos. É que se você fala sobre capitalismo, bem, você é um comunista. E isso é como se fosse um inimigo ou uma coisa maligna. Então Adorno diz, bem, então, as pessoas que percebem, consciente ou inconscientemente, que os seus próprios interesses pessoais não estão a ser atendidos nesta maravilhosa democracia, elas têm uma reação contra a democracia. E então ele descreve as diferentes formas que isso pode assumir. E acho que é isso que estamos a ver agora com Trump, à medida que vemos algumas dessas novas formas de coletivismo. A ideia também de Trump, que ele costuma dizer, “bem, fui eleito, portanto posso fazer o que quiser”. A sua margem de vitória foi muito, muito estreita. E houve muitas pessoas que não votaram. Então, na realidade, ele provavelmente obteve cerca de 38, 39 ou 40% dos votos no total. Mas agora que foi eleito, ele acredita que isso lhe deu

um mandato poderoso para tentar implementar todas essas medidas radicais que ele tem vêm implementando. E isso é também o modelo clássico de fascismo de Carl Schmitt. A ideia de que se usa uma espécie de ideia populista de democracia como regra da maioria, domínio da maioria, a fim de eliminar os elementos liberais da democracia: os direitos das minorias ou o Estado de direito ou a divisão de poderes. Pode-se usar uma espécie de noção quase rousseauniana de democracia para implementar um tipo de governo autoritário. Por isso, Schmitt também estava muito interessado em Rousseau, porque não se trata de um argumento autoritário conservador tradicional. Na Europa, o conservadorismo tradicional é antidemocrático. Os conservadores tradicionais na Europa dizem que as pessoas pobres instruídas têm de ser mantidas fora da democracia. O fascismo baseia-se na ideia de mobilizar as pessoas. Portanto, elas não estão realmente sendo incluídas, estão sendo mobilizadas. Acho que Trump e a sua administração estão fazendo exatamente isso: estão a tentar criar novas formas de coletivismo que possam ser usadas para promover o seu projeto de realmente fortalecer o poder executivo. Estão tentando fortalecer o poder executivo.

**[GRBS]:** *Você também recorda a complexa posição de Marcuse em 1972, de que a Nova Esquerda teria a “tarefa de defender essa democracia enquanto ataca suas fundações capitalistas” (Ibidem, p. 66). Você atualiza essa posição ao conectá-la à recusa do Partido Republicano em condenar o ataque ao Capitólio de 6 de janeiro, o que para você confirma o caráter autoritário do partido. No atual clima político, em que uma parcela significativa do eleitorado parece ter perdido a fé nas instituições democráticas, como essa estratégia dupla de Marcuse pode ser aplicada na prática? Como se pode defender a forma da democracia quando o ataque a ela é alimentado por uma rejeição popular, ainda que manipulada, da substância do sistema político e econômico vigente? Defender as instituições não arrisca ser percebido meramente como uma defesa do status quo neoliberal que, como o senhor mesmo argumenta, preparou o caminho para a ascensão de Trump?*

**[JDA]:** Bem, talvez eu vá contradizer o que acabei de dizer. Esta é uma questão muito importante para mim. Quero dizer, acho que o cerne da questão aqui é a relação com a

tradição da teoria política democrática liberal e o marxismo. E acho que essa é a questão realmente importante com a qual temos de lidar hoje e é uma questão complexa, obviamente. Mas, historicamente, novamente, acho que o conceito de sociedade burguesa dialética pode nos ajudar aqui. Se nos lembrarmos, como certamente Horkheimer argumentaria — o Horkheimer do início — e acho que Marx também, que a teoria política burguesa, assim como as ciências naturais que se desenvolveram durante o início do período moderno nos séculos XVI, XVII e XVIII, eram forças progressistas. E, como apontado em seu ensaio introdutório aos *Estudos sobre Autoridade e Família*, publicado pelo Instituto em 1936, Marcuse salienta que as teorias da autoridade, teorias irracionais da autoridade que foram desenvolvidas por pensadores contrarrevolucionários e reformistas em resposta à Revolução Francesa, foram um ataque aos aspectos progressistas do pensamento político burguês. Como a defesa da lei natural ou do constitucionalismo, direitos e assim por diante, foram atacados pelos contrarrevolucionários. Pensadores como Edmund Burke ou Joseph de Maistre, Bonald ou, no contexto espanhol, Donoso Cortés. Alguns desses pensadores europeus conservadores da velha guarda, muito tradicionais. Mas Marcuse mostra como, no final do século XIX, muitos dos principais pensadores burgueses começaram a adotar algumas dessas mesmas teorias irracionais de autoridade. Marcuse não menciona Gustave Le Bon, mas acho que ele é talvez o melhor exemplo disso — um pensador francês que escreveu o livro *A Multidão* em 1895. E basicamente como uma espécie de manual, um guia, é como se fossem as impressões de Maquiavel atualizadas para a burguesia conservadora no final do século XIX. “É isso que você tem que fazer se quiser permanecer no poder. Você tem que aprender a trabalhar dentro da democracia”. Porque, como Tocqueville já havia apontado na década de 1830, a democracia estava chegando à Europa, gostando ou não. Então, por que é que Tocqueville vai para os Estados Unidos? Porque ele quer ver o futuro da Europa. Ele quer estudar a democracia porque diz que ela está a chegar, quer queiramos, quer não, e não podemos impedi-la. Assim, no final do século XIX, Gustave Le Bon diz: leiam o meu livro e compreenderão o que têm de fazer para manipular as pessoas. Iluminismo como dominação em massa, como dizem no “Dialética do Esclarecimento”, *Massenbeherrschung*, as técnicas de manipulação das pessoas. Gustave Le Bon escreve este livro para mostrar às pessoas como fazer isso.

E este livro, é claro, foi muito influente. Quero dizer, Mussolini disse que o mantinha ao lado da sua cama. E se lerem, se virem Hitler num comício, é como se ele também tivesse estudado Le Bon. Os historiadores, acho que não conseguiram mostrar se ele realmente leu Le Bon. Mas, então, acho que alguém como Le Bon representa uma espécie de abandono burguês do legado progressista da burguesia durante o início do período moderno, a fase heróica da burguesia. E é preciso ter cuidado com isso também. Quero dizer, pensadores pós-coloniais apontariam corretamente que fora da Europa não havia realmente nada de progressista na burguesia, na expansão do capitalismo global. Porque fora da Europa foi terrível. Mas, pelo menos dentro da Europa, há uma espécie de aspecto progressista nisso, que pôs fim ao feudalismo e ao absolutismo. Marx, é claro, também reconheceu o papel progressista da burguesia na destruição das relações sociais repressivas, patriarcais relações sociais do feudalismo e do absolutismo. No entanto, durante o mesmo período, no final do século XIX, entre meados e o final do século XIX, quando a burguesia europeia se tornava cada vez mais conservadora, o movimento socialista na Europa começou a defender alguns dos princípios básicos da democracia liberal. Em grande parte porque acreditavam que a expansão do direito ao voto levaria inevitavelmente à criação de uma sociedade socialista. Se assumirmos que o socialismo é do interesse da grande maioria da população, então a democracia deveria levar automaticamente ao socialismo. E, na verdade, parecia que isso estava acontecendo na Europa no final do século XIX e início do século XX. Por exemplo, em 1912, pouco antes da Primeira Guerra Mundial, o Partido Social-Democrata da Alemanha, que ainda era um partido explicitamente marxista na época, obteve 35% dos votos. Eles estavam recebendo mais votos do que qualquer outro partido na Alemanha. Em comparação, o Partido Liberal Nacional, que era um partido burguês autoritário, recebeu cerca de 10% dos votos, contra 35%. Portanto, parecia aos conservadores e às elites conservadoras no poder que isso estava caminhando na direção errada. O que vamos fazer? E então, é claro, esse também é o contexto em que o fascismo emerge nas décadas de 1920 e 1930. Então, os partidos fascistas na Itália, Mussolini e os Camisas Negras, demonstram sua disposição de atacar trabalhadores e fábricas, de atacar camponeses no sul da Itália que lutam pela reforma agrária. E o rei da Itália e algumas das outras forças governantes dizem: “Bem, talvez possamos trabalhar com esses caras.” A mesma coisa acontece

basicamente na Alemanha. Hindenburg, Paul von Hindenburg, e alguns dos líderes conservadores tradicionais, eles realmente não gostavam de Hitler, é claro. Quero dizer, Hindenburg era um general. Hitler era como um marechal de campo ou algo muito menor. Se você está no exército, sabe que o general não vai ter muito respeito por ele. Mas o que os nazistas tinham era algo que a classe dominante conservadora precisava, que era popularidade e apoio democráticos. E o Partido Popular Nacional Alemão estava recebendo apenas seis ou sete por cento dos votos porque as pessoas não querem votar numa sociedade rigidamente hierárquica na qual vão ficar na base. Faz sentido. Então, as elites conservadoras precisavam deste partido que mobilizasse as massas. E o partido nazista, o partido fascista, não tinha nenhum poder. Eram apenas pessoas humildes. Hitler era apenas um agitador da Áustria, socialmente na base da pirâmide, mas descobriu como manipular as massas. Então, é isso que vemos acontecer, o contexto do surgimento do fascismo nas décadas de 1920 e 1930, que impede o que parecia ser um desenvolvimento natural em direção ao socialismo antes. Isso explica também a ascensão de alguém como Eduard Bernstein no final do século XIX, as interpretações revisionistas do socialismo de que o socialismo está chegando. Portanto, não precisamos de uma revolução, não precisamos lutar, o que acabou por estar errado. Outro momento que considero importante enfatizar, ou outro pensador que gosto neste tema, é Franz Neumann. Neumann era um teórico jurídico político do Instituto de Pesquisa Social. E Neumann escreveu um artigo sobre a Constituição de Weimar que achei realmente muito interessante, porque a Constituição de Weimar, que foi criada em 1918 com muita contribuição do Partido Socialista na Alemanha. Quero dizer, acho que, assim como a Constituição brasileira de 1988, a Constituição de Weimar também incluía direitos sociais. A Constituição brasileira dá às pessoas o direito à saúde. E ao seguro-desemprego... E isso já acontece na Constituição de Weimar. Mas outra cláusula da Constituição de Weimar que Neumann enfatizou é a ideia de que, se o parlamento decidir nacionalizar uma indústria, se a maioria da população disser: “Queremos nacionalizar a BMW ou a Mercedes”, isso é legal, é constitucional. Eles têm que compensar os proprietários da empresa. Mas ela é assumida, é *vergesellschaftet*. É socializada. E então Neumann diz que isso abre as portas para uma transição pacífica e democrática para o socialismo. O que não seria um modelo de partido de vanguarda

leninista, em que um pequeno partido lidera uma revolução e é como um golpe. Mas, novamente, isso realmente não aconteceu. Isso não aconteceu. Mas acho interessante porque Neumann é alguém que tem uma compreensão muito sofisticada de Marx e da crítica marxista ao capitalismo, mas também leva muito a sério os legados progressistas do pensamento político democrático liberal. E então acho que, mais uma vez, também aqui teríamos de pensar sobre qual foi o legado do comunismo soviético no século XX. Pessoalmente, venho mais de uma formação da nova esquerda [*New Left*] e, especificamente, mais da nova esquerda europeia, que é crítica do comunismo soviético. Mas, também no contexto europeu, a nova esquerda europeia era mais marxista do que nos Estados Unidos. Mais uma vez, o tabu sobre Marx nos Estados Unidos. Temos pensadores como, digamos, Rudi Dutschke, ou mesmo os situacionistas franceses, Guy Debord, que têm uma compreensão muito sofisticada de Marx e se interessaram em voltar atrás e recuperar as tradições dos conselhos operários na Europa como alternativas a um modelo leninista mais autoritário. Ou Dutschke que estava muito interessado em Rosa Luxemburgo. Então, voltamos aos debates entre Luxemburgo e Lenin. E Luxemburgo, é claro, no seu famoso ensaio sobre a Revolução Russa, critica Lenin e Trotsky por não levarem suficientemente a sério as ideias burguesas de direitos ou liberdade de expressão, dizendo que, numa sociedade socialista, é preciso preservar essas ideias básicas. Mais uma vez, dizendo que esses foram movimentos e ideias historicamente progressistas, a ideia de direitos ou liberdade de expressão. Se quisermos, pode-se usar a ideia hegeliana de uma negação determinada. A sociedade social negaria essas ideias, mas preservaria o que há de melhor. Enquanto talvez a crítica leninista e trotskista seja uma negação abstrata de alguns dos ideais democráticos liberais. Então, como podemos preservar a ideia do Estado de direito ou dos direitos das minorias, mas não os direitos de propriedade. Não os direitos de propriedade. Os direitos de propriedade também são cruciais para a sociedade burguesa. Mas, para mim, sim, é aqui que temos de escolher, talvez [risos].

**Referências:**

Abromeit, J. “Herbert Marcuse and the Dialectics of Liberation in the Age of Trump”.  
Dossiê Herbert Marcuse, Parte 1. **Dissonância**: Revista de Teoria Crítica, v. 2, n. 1.1, p.  
59-84, 2018.

---

**Gabriel Ramponi** é graduado em Relações Internacionais pela Faculdade de Campinas (Facamp), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Foi pesquisador-colaborador do projeto internacional de pesquisa "Extimidades: teoria crítica desde o Sul Global", vinculado à UFABC. Recebeu a "*Marcuse Society Phd Research Fellowship*", para os anos de 2023 e 2024. Foi aprovado para o "*Hochschulwinterkurs* Curso de Inverno de Língua e Cultura Alemãs", programa do DAAD, de 2024. Desenvolve pesquisa sobre a Imaginação como contradição, entre a libertação e a dominação, e baseia-se na obra de Herbert Marcuse e de Roberto Schwarz, especialmente sua interpretação da obra de Machado de Assis.

**Bruno Fabrício Alcebino da Silva** é bacharel em Ciências e Humanidades e graduando em Ciências Econômicas e Relações Internacionais pela UFABC (Universidade Federal do ABC). Atua como monitor e pesquisador do Observatório de Política Externa e Inserção Internacional do Brasil (OPEB), com atividades em produção editorial e pesquisa em política externa. Integra o projeto de pesquisa Utopia e Crítica: Subjetividades, Democracia e Transformação Social e é membro do Grupo de Estudos da América Latina Contemporânea (GEALC). Possui experiência em análise política e regulatória, incluindo pesquisa documental, mapeamento de stakeholders e avaliação de risco institucional. Desenvolveu iniciação científica em Teoria Crítica, com foco na relação entre trabalho, economia e filosofia social no pensamento de Herbert Marcuse. Realizou mobilidade acadêmica internacional na Universidad de la República (Montevideu, Uruguai), no âmbito da Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM), com estudos em conjuntura internacional e política externa. Autor e colaborador em veículos nacionais e internacionais.

*Entrevista recebida em 23 de outubro de 2025 e aceita em 13 de novembro de 2025.*